

Poemas de
Judith Teixeira

Flores de Cactus

Flores de cactus, resplandecentes,
espelhantes, encarnadas!
Rubras gargalhadas
de cortesãs.
Embriagam-se de sol,
pelas doiradas manhãs,
viçosas e ardentes!

Bela flor impudente!
Brilha melhor o sol rutilante
nas suas pétalas vermelhas...
E sugestivo
o ar insolente
e petulante,
como se deixam morder
pelas doiradas abelhas!

Nascem para ser beijadas
e possuídas
pelo sol abrasador..
Lascivas,
predestinadas
para os mistérios do amor!

Eu gosto desta flor pagã
e sensual,
que num místico ritual
se entrega toda aberta
aos beijos fulvos do sol!

Ó flor do cactus enrubescida!
No teu vermelho, há sangue, há vida...
- E eu tenho uma enorme sede de viver!

Agosto - Meio-dia
1921

Meio-Dia

Custódia d'ouro em luz vai refulgindo
na seda azul dum grandioso altar -
ergueu-se agora rútila, espargindo,
seus raios luminosos pelo ar...

Arqueja a terra. Gritam reluzindo
as papoilas ardendo a ondular.
Dos trigais sazonados vão subindo,
ondas de cor, clarins a revibrar!

Sobre a terra vermelha dos valeiros,
alvas camisas brancas dos ceifeiros,
são pombas, que poisaram sobre a terra...

Incendeiam-se os montes em redor
e as vozes quentes sobem no clamor
dum hino à vida, a entoar na serra!

Agosto
1922

A Minha Amante

«... a dor
só lhe perco O Som e a cor
em orgias de morfina!

Dizem que eu tenho amores contigo!
Deixa-os dizer!..
Eles sabem lá o que há de sublime,
nos meus sonhos de prazer...

De madrugada, logo ao despertar,
há quem me tenha ouvido gritar
pelo teu nome...

Dizem - e eu não protesto -
que seja qual for
o meu aspeto
tu estás
na minha fisionomia
e no meu gesto!

Dizem que eu me embriago toda em cores
para te esquecer...
E que de noite pelos corredores
quando vou passando para te ir buscar,
levo risos de louca, no olhar!

Não entendem dos meus amores contigo -
não entendem deste luar de beijos...
- Há quem lhe chame a tara perversa,
dum ser destrambelhado e sensual!
Chamam-te o génio do mal -
o meu castigo...
E eu em sombras alheio-me dispersa...

E ninguém sabe que é de ti que eu vivo.
Que és tu que doiras ainda
o meu castelo em ruína...
Que fazes da hora má, a hora linda
dos meus sonhos voluptuosos -
Não faltes aos meus apelos dolorosos...

- Adormenta esta dor que me domina!

Junho - Poente
1922

Átomo

Como uma bola de sabão, tão leve,
brilhante, luminosa e irisada,
sai muitas vezes meu sorriso breve
da minha boca triste e desolada...

E nas minhas mãos, pétalas de neve
duma camélia em neve desfolhada,
não cabe a dor que meu olhar descreve,
seguindo a frágil bola iluminada!

E que o sorriso que de mim dimana
vem traduzir toda a ventura humana
simbolizada em lábios de mulher...

Que tão depressa é sol de primavera,
como luz matinal numa quimera,
que mal nasce, começa a entardecer!

Inverno

1922

Inverno

A noite cai sobre a terra
e o vento no seu fadário
anda a cantar pela serra
como um louco solitário...

Foi a voz do meu tormento
soluçando em convulsões
juntar à canção do vento
as suas tristes canções!

O vento sobe mansinho
até ao cimo dos montes...
Não te percas no caminho,
não vás desgrenhar as fontes!

Não bulas no arvoredado
que dorme abraçado às heras;
Não me endoideças de medo,
não vás acordar as feras!

.....

Chora o eixo dos moinhos
- são fados - deixai chorar..
Anda a Dor pelos caminhos,

- ninguém a queira encontrar!...

Dezembro

1922

Adeus

Sim, vou partir.
E não levo saudade
de ninguém...
Nem em ti penso agora!...
Julgavas que a tristeza desta hora
fosse maior que a firme vontade
que eu pus em destruir
o luminoso fio de ternura
que me prendia ao teu olhar?...
Julgaste mal:
Eu sei amar,
mas meu amor,
o que eu não sei
é ser banal!

Mas porque vim eu escrever-te ainda?
nem eu sei!
Talvez somente
o hábito cortês da despedida
- e o hábito faz lei!

Choro?!... Oh! sim, perdidamente!
Mas sabes tu, porque este pranto
assim amargo, e soluçado, vem?
E que na hora da partida
eu nunca pude sem chorar,
dizer adeus a ninguém!

Janeiro

1926

O Fumo do Meu Cigarro

O Sol morre lá fora
num deslumbramento,
feérico e bizarro...
e o meu olhar vai seguindo
as espirais caprichosas,
e ondulantes,
do fumo do meu cigarro.

Aconchego mais
a seda esmaecida
que me envolve e não me aquece...
E penso em ti,

e na minha vida
tão partida
e tão diversa!..
Enquanto a fita, cinzenta e leve,
volteia,
se enlaça
e se dispersa!...

E o meu pensamento
vagueia
numa angústia que eu não venço,
Oscilando-me
sobre um abismo de incertezas!..
A noite desce,
desdobrando o seu véu pesado e denso.
E à minha boca cruel
e desdenhosa,
sobe, numa ironia estilizada,
o sabor amargo
e doloroso
duma longínqua posse realizada...

.....
Que tédio, Senhor,
enrola a minha lembrança!
- Nada vem sobressaltar
os meus nervos quietos
e vencidos!..
E o meu pensamento
vai seguindo,
obstinadamente,
a vida singular dos meus sentidos!

.....
Rondas de treva volteiam em redor.

Farta-me aquele ardor
moço e alucinado
que a minha lembrança
acordou agora,
nesta sombra esguia
do passado...

Afoga-me a estranha insânia
dum louco desígnio - raro e torturante...
E fico-me a cismar
na volúpia enfastiada
e nos tédios ruivos
desta hora desolada
e impenitente,
e ante o meu olhar
ensombrado e consciente,
ergueu-se, rúcica e impiedosa,
a nostálgica, amorosa
Duquesa de Brabante!..
- essa orquídea altiva e rara
que, numa rebeldia

fidalga e sem remédio,
arrefecia
em horas de extermínio
as horas criminosas do seu Tédio!

Outono - Hora cinzenta
1925

Horas Nostálgicas

Tudo em ti era simples e fácil,
sem transcendência..
Como um livro que se lê
na adolescência
e em que apenas se aprende o verbo amar!
Livro que eu folheava irreverente,
na ânsia inquieta
de o complicar!

E a tua vida, ardendo
nas minhas mãos de volúpia,
crepitava, incendiada
num ritual de beleza,
submetida à minha posse
dominante - insaciada!

Mas quando certo dia me pedias,
numa teima caprichosa
e exigente,
a dália rubra do meu amor
... desfez-se em rubra cinza o meu ardor
e deixei-o tombar quase indiferente!...

.....
Era sempre a esta hora.
Hora escarlata... hora de pecado!
Na flor sangrenta da tua boca
poisavam os meus beijos
em doidas revoadas,
como asas sem rumo,
ruflando em loiras madrugadas!

Depois, nem eu sel.. nunca mais te vi!
E os meus rúbidos anseios
Subiram
como asas indominadas
em busca de mais sol!

Deus meu! Este fim de tarde
traz hoje tanta agonia!...
Anda a rondar uma saudade imensa
a minha negra nostalgia,
que mais e mais se adensa!...

E agora, nesta hora de tédio,
álvida e sem cor,

oh! como eu gostaria
de refazer
esses volvidos instantes!
- Sentir a curva leve do teu corpo esguio,
vergando a palpitar,
nas minhas mãos pálidas e soluçantes!

Outono-Poente
1926